

a constante de planck

ALFREDO JACQUES

Do Tempo e de Outros Tempos

Sonho estrambótico. De trás para diante. Arrancava a última pétala de uma flor. Nasciam-lhe duas. Mutilava-a novamente. Ei-la tripétala. Desfolhando-a, a flor se reconstituía.

Rosa olorosa empunhada pelo cabo, asas arfantes do nariz inalante inalando. Os pulmões, o ar.

Elástico *élan*, giro de 180°, cara para o canteiro no qual colhera a flor. Reposição da mesma no talo trunco. Vestígio nenhum da emenda.

Exótico o sonho. E erótico; o despetalar da rosa.

A consciência, instância superior? Neres! Vela que se apaga quando dormimos. Ou que apagamos, despertos, quando paga a pena o apagá-la.

O desenrolar do sonho; êle, paçudo nipão, dignitário de digníssima dinastia extinta, com rabicho, quimono, leque e quimbembèques, a reverenciar com sala-maleques a roseira da qual colhera a flor. Reendireitava-se e, rígrado, às recuas, retrocedendo, atravessava seu jardim em miudinhos passinhos, penetrando no vestíbulo do seu pagodecasadechábangalô.

Mirar distraído aos quadros-negros que apainelavam a sala de trabalho. Xx e yy, cifras e signos, retas cortando retas, retas cortando curvas, curvas cortando retas. Gizados pela lógica. Jazigos de generalizações, sêcas e ressecas, sem a seiva jazente nas imagens oníricas.

Interpretação: a rosa; a môça do piquenique da véspera na chácara de Tôrres Cruz. Rosto de deidade. Olhos negros e grandes tomando conta do rosto.

Aparição da Arcádia aparecendo numa patuscada campestre. Na esteira estendida sôbre a relva, soerguendo-se nos cotovelos. Em pé, a seu lado, o pajem, noivo; rebarbativo touro tranqüilo. Pajeando-a, mimoseando-a com pastêzinhos e doces retirados de um cêsto. Alcançando-lhe o copo de refrigerante.

Comezaina bucólica em tarde bucólica. Risadas bucólicas, pilhérias não bucólicas, trocas de virtualhas ainda menos bucólicas. Convescote excentricidade de Tôrres Cruz, despedindo-se de meio século de magistério.

Vêzes várias, os olhos da dona, veludo líquido, água morta de cisterna, mas que ateavam incêndios, buscaram os seus, dêle, Planck.

Estalar de dedos da memória. Ela; Galatéia, a sobrinha de Tôrres Cruz. Afilhada, querida como filha. Êle, Planck e ela, foram grandes amigos. No tempo em que era assistente do tio professor de Física Teórica e ela, menina, morava com o padrinho. Enviuvando o padrinho tocou-se ela, já mocinha, para a Europa, para um internato. Lá formara-se, lá ficara, literata, ensinando numa universidade.

Magrela, espinhenta (acne da adolescência); a Galatéia garôta. Sensaborona e arisca, à primeira vista. Com um pico picante de pícara, a songamonga, para um ôlho atilado. Hoje, fazendo jus a uma égloga, como a sua homônima cantada por Virgílio. Tese, antítese, síntese do desenvolvimento de uma moçoila em mulher.

Deambulando pela sala, as mãos nas costas:

Mas, e o sonho às avessas?

Heureca, seu careca! eco ressurrecto da época em que se entregava ao estudo do tempo. Batatal. Manigâncias da imaginação chegadas em atraso. Que tempos aqueles para um temperamental da têmpera dêle! Destemperando-se apaixonadamente por tudo que concernia à duração. Obsedado com o envelhecimento relâmpago das partículas cósmicas. Obcecado pela não instantaneidade dos momentos. Teorizando, logicizando, silogicizando: à direita, o passado; à esquerda, o futuro. No *sistema especular* — para o observador postado na frente de um espelho — reviravolta espetacular: o futuro à direita, positivo. À esquerda, o passado; furei mirim, ninguém se lembra mais de mim. E o presente? O presente, fora dos incubos da elucubração, é a ilusão de se estar parado vendo o tempo passar.

Perdera seus melhores anos, e o cabelo, raciocinando sôbre o tempo. Entrementes, calvo, curara-se da enxaqueca teórico-física, enjoando a questão. Mentos, contraveio a reflexão, ela ainda te ocupa e preocupa, pois o tempo é vida e ação. Aceitando a objeção: perfeitamente, mas o maroto, trapaceiro traíçoeiro, não

vale um vintém, fica do lado de cá da vala, quando a transpomos. Não nos acompanhava à eternidade.

Espiada raiventa aos quadros-negros.

E Galatéia?

Tetéia de touro assírio sem asas nem barbas.

Singular, o que é que não esconde a lembrança? Com quem noivou minha sobrinha, com um bovídeo androcéfalo escapo de um baixo-relievo da velha Mesopotâmia. Palavras de Tôres Cruz, de retorno da Europa, de um congresso de bambambãs da Física Nuclear. Flanando pelo Velho Mundo, o patrício, cria, de aqui, dos pagos, o môço. Polígrafo poliglota podre de rico. Não aprovava a escolha de Galatéia. Enfim, a afilhada que se aviesse, que em matéria de coração o tio não metia a mão. O lema do bravo búfalo peitudo: ornar o espírito.

Pingo de misantropia. A misantropia é pinga que embriaga depressa. Olha-dela à incógnita de uma equação.

Peripatético. Indo e vindo, vindo e indo. Ornar o espírito; zurro de beletrista, esnobismo. Fósseis de priscas eras continuavam formando as escolas do país.

Do Mundo das Coisas Pensadas ao Mundo das Coisas Vividas

— Concebi a existência dessa partícula, visualizando-a. Via-lhe os movimentos como estou a ver você, agora, aqui.

Varapau, grenha algodoada, Tôres Cruz evocava. Arrepelando-se, alisando a alva coma com ambas as mãos; sestro sintoma de emoção. Contando contava o feito que o fizera, a descoberta da tal de partícula, particularizando o fato com a participação de outros fatos que nada tinham a ver com a descoberta. Badação? Absolutamente. Saudades do rataplã da glória, tambor que uma vez rufado não nos sai mais o barulho dos ouvidos? Tampouco. Associações afetivas. Nostalgia. Recordações da espôsa. Os fatos que não tinham participado da descoberta da partícula, partícipes foram do seu noivado. Feliz no casamento, panegirista do matrimônio:

— Mudando de assunto, por que não te casaste, Planck?

— Sinceramente, não sei.

— Que idade tens?

— Cinquenta e um.

— Ainda estás em tempo.

Esmorecer da conversa. Atentando na lonjura. Um rio serpenteando. Além-

rio, um bosque. Entre o rio e o bosque, o casario de um arrabalde. E distance, muito além do rio, do bosque e do arrabalde, como uma esperança ingênuamente delineada no subconsciente, a crista azulada de uma cadeia de montanhas. Mansuetude.

Apaziguador o panorama descortinado daquele décimo quinto andar. E ela, Galatéia, por onde andaria? Provavelmente, pajeada pelo touro polígrafo. Ouvindo-lhe o cavo mugir. Ouvindo, ouvindo...

Ouviu:

— A ciência por si só não satisfaz os anseios do homem.

De si para si: apoiado! Ouvindo: Mal se consorciam o cientista e a vida se ao primeiro lhe faltar o calor afetivo. Sendo assim, surge o dilema: ou só ciência, ou só vivência fora de casa, é visto. Incompatibilidade conjugal; dualidade corpúsculo-onda transportada ao lar.

— Boa, essa, mestre!

— Por que não te casas, Planck?

Devolvendo o trôco: para não topar na vida de casado com as relações de incerteza de Heisemberg multiplicadas por mil. Na Física e no casamento; variáveis a todo momento. Retruque: para conhecer-se o variável lançamos mão de constantes; assim na Física clássica, assim na do infinitamente pequeno. Por que não no mundo da intimidade marido-mulher? Réplica ao retruque: porque o conhecimento não nos dá a verdade sobre as coisas, é idealização, pressuposto, afirmação gratuita. Daí a necessidade de certeza dos incertos, de firmeza dos vacilantes. Incontinências do contingente transmitidas por contágio. Tudo como os maridos enganados depositando fé cega na fidelidade da espôsa leviana.

Esgrouvinhamento de Tôres Cruz. Alto e magro, ereto malgrado a idade. Desguelhado, de esguelha, vislumbrando aventura no ar:

— Planck prestes a podar lírios?

Trocadilho. Outro fraco do mestre, trocadilhar. Riu-se, éle, Planck. Riu-se, gostosamente, não pelo que insinuava o trocadilho mas pela perfeição dêste. E como o outro continuasse indagador, secando-o, de soslaio, gozando o calembur, explicou; a expressão maridos enganados viera-lhe à ponta da língua. Foi só cuspi-la. Palavra. Palavra de Podalírio Prestes Planck.

Dos Nossos Sonhos, Dêles Nós Somos os Artífices

Não reviu Galatéia senão em sonho e em símbolo. Num sonho, de nôvo, às avessas. Ele, um leão a devorar sua vítima recente, caçada à beira de um lago. No barro, no meio dos juncos. Sorvendo o sangue quente. Engolindo sôfrego

bocados de carne. Triturando tendões e ossos. Avidez e fruição. Rosnando ameaças ao plácido hipopótamo que, com água à meia canela, pastava, o pobre, lindos papiros palustres. Bêsta chinfrim carente de chifres. Entretanto, o repasto dê-le, leão, se reanima. Firma-se nos remos. Ergue-se, com êle encarapitado no jombo. Pula para trás, êle, leão. Agaçapa-se no juncal, as pupilas de jade espetadas na gazela que se dessedenta no lago. Achatado ao solo, flancos arfantes, cauda coleante castigando nervosa a ilharga. Recuando, de rôjo. Imóvel. Bafo mórno do brejo. Bafio. Uruás gosmentos prateando com a gosma o limo do lôdo. Olfateando, discernindo no fartum o almíscar de prêsa próxima.

Bem que Morfeu bancou Merlim, pois num passe de mágica o cenário se transmuda. Neres de transição. Os caniços são toijas floridas. Os gosmosos caracóis, alvos e enormes ovos a descascarem pintainhos-pimpolhos. Brincando entre as cascas, os gorduchinhos bebês-pintinhos. E a gazela é Lêda. E o leão é o cisne. Estatuificada, nua, meiga e amorosa, ela lhe abraça o pescoço, puxa-o para si, o papo encostado ao quadril. E o leão-ave-ê-le-Planck estende o bico para acariciar-lhe o semblante. Foge ela à festa, desviando, de leve, a face, os olhos no chão, indefinível sorriso a iluminar-lhe o rosto.

E êle acordou.

Pensando, no escuro: palco de multifárias e polifônicas criações são os sonhos. Nêles a fantasia alça o vôo para o Olimpo das aventuras extraterrenas. E é arte. Pura arte. A arte pura, sem os berloques e os retoques da consciência. Dá má consciência, corrigiu.

Dos Fatos, Sem Espalhafato

Galatéia casou-se. Cerimônia simples, no apartamento do tio. Embora convidado, Planck não compareceu. Pesar em perdê-la. Apesar de não tê-la visto senão no piquenique, remeteu-lhe um buquê de rosas, com o seu cartão. *Felicidade desejo à minha querida amiga.*

Melancolia. Pesadume. Melancolia; mar calmo, crepuscular, sem continentes nem ilhas, navegado por um nauta perdido. Pesadume; cardume de sentimentos pesando no âmagô do homem.

Viajaram para o estrangeiro, em lua-de-mel, os recém-casados. Terminada a qual voltariam à pátria, para outra plaga, porém. Recomeçou Planck o ramerrão consuetudinário. Entretanto, que desapetência, vazio íntimo, que aporrinhamento! Desjungido da Matemática, farto de Física Teórica, paulificando-se nas aulas.

Auto-análise. O vácuo interior eu já o trazia comigo, antes de rever Galatéia. O revê-la mo revelou.

Invalidação dos valôres; para que serve o saber? A moral, amorável imoralidade. A sua constante: vacuidade das coisas. A constante de Planck; *b* igual a etcétera e tal. O etcétera e tal, o mínimo amor ao mundo. Constatava; falta de calor afetivo. Entre flautas e apitos, êsse era o seu problema.

Períodos de mau humor. Negros dias de neurastenia. Um arranca-rabo com um discípulo sabichão metido a sebo. Explicações ao reitor. Seis meses para tratamento de saúde.

E o tempo a desandar como matéria que se degrada, se esfarinha, se evolva, corpuscular.

Visitas assíduas a Tôrres Cruz. Tôrres Cruz falando, papagueando, dando-lhe trela, não dando notícias dela. Do apartamento do velho, para o bangalô. Tardes tediosas. Noites sem sono, ou com sons, mas de pedra. Extinta a fonte da fantasia. Fechado o teatro onírico por falência.

Acessos de misantropismo. Ojeriza ao tio de Galatéia. O titio da tetéia descabela-se para parecer-se a Einstein. E patarata o diabo do velhote filosofisticado com tiradas a Bohr e a Broglie. "As antinomias e indeterminações da Física Quântica abrirão novas sendas para o estudo da Biologia." "Nem o progresso da técnica nem as descobertas da ciência acabarão com a consciência moral." Bugiava, o bôbo.

Cair em si. Nem tique nem taque de tudo isso havia em Tôrres Cruz. Não macaqueava o mestre. Êle, sim, Planck, burro que era. Asno, azêmola, mulo, montaria da desconfiança e do rancor.

Solípede escouceador sou eu. Cavalgadura cavalgada pelas Fúrias.

Auto-auscultar-se. Estalido de um anseio, batimento de asas de uma esperança, eco de um chamado à vida; nada. Só o insonoro e árido deserto de si mesmo.

Do Raciocínio, Válvula de Escape da Sensibilidade Dolorida

Desgranida chuvinha pulverizando-se em gotículas microscópicas. Peneirando. Do rio distante, a fita suja. Indistinto o arrabalde longínquo. Do mato, uma mancha nevoenta. Cadê a cadeia de montanhas que barra a linha do horizonte? Tapada. O tapume; a água caindo, renitente, xaroposa. Enxaropado, êle.

Desxaropando-se, reatando o que vira:

— E eu em cima do trapiche.

Explicações: tinha que haver um tonel com restos de graxa lubrificante no fundo do rio, a poucos metros da margem. Bôlhas subindo, arrebentavam a todo instante. Alargavam-se, alastravam-se, engraxando a superfície. Sol a pino. Reflexos de aço da toalha líquida, lisa e oleosa.

— E c par de borboletas apareceu.

Voando, no alto. Revoando. Revoluteando rente do rio. O macho a perseguir a fêmea. Insistindo, insistente. A fêmea, cede não cede, irresistente. Cedeu e adejou sôbre uma borbulha que arrebentara numa grande rosa roxa. Acedendo, pousou. Pousou e grudou corpo e asas à película peganhenta. E lá se foi a bôba, de bubuia, no lençol semovente.

Tôrres Cruz:

— Espantoso o engano do inseto.

Jerivá despenteado, penteou-se pela quarta vez; sinal de que o caso mexera-lhe com a emotividade. Metendo-se os dedos pela grenha. Pente pentadátil penteando cabelos de paina, pensou Planck, respeitosamente.

— Do instinto do inseto — disse e calou-se.

Continuou olhando o rio. Lembrou; de cima do trapiche, sentiu como que um bafejo de revelação; os instintos são o mesmo que partículas de matéria em movimento. Não contou isso ao mestre. Calado, ainda; que dominam espaços do ser. Animal, não planta. Iguais uns aos outros êsses instintos-elétrons. Rodopiando em tórno do núcleo do átomo da alma. Em órbitas circulares. Pulando de uma órbita para outra. De uma órbita interior para uma exterior. Sempre que se excite o núcleo, isto é, a alma.

Tôrres Cruz juntando-se a êle. Ambos parados, mudos, enquadrados no quadrilátero da janela, contemplando a chuva cair.

Prosseguindo; na coitada da borboleta, o instinto de reprodução, saltando para a órbita do de conservação do indivíduo, atira-o para fora da alma. De pulos, pois, constituía-se a energia afetiva. E há menos de um século atrás, de um século, não, de meio século; a cegueira do dogma a natureza não dá saltos. O cúmulo dos extremos, no homem, é claro, a perda de todos os instintos, a ionização da alma. Então, *kaput!* é o pessimismo, a descrença, o desânimo.

Despertar dentro de si mesmo: a teoria dos *quanta* aplicada à Psicologia, santo Deus! Raciocínio, desatino.

A voz de Tôrres Cruz desinteriorizando-o, a êle, Planck.

— Pela segunda vez te pergunto em que estás pensando.

Mentindo: em dois sonhos que tive, logo depois do seu piquenique em sua chácara. Engraçados, de trás para diante. Narrou-os, rápido. Interpretação de Tôrres Cruz: desfolhar a flor, devorar a gazela; símbolos eróticos. Às avessas, os sonhos: desejo de inverter a corrente do tempo, retornar à infância, ou a uma quadra da existência em que sentiu-se feliz.

Calados, novamente. E a chuva caindo, benéfica, balsâmica.